

KAREN ARMSTRONG

EM NOME DE DEUS

*O fundamentalismo no judaísmo,
no cristianismo e no islamismo*

Tradução
Hildegard Feist



Copyright © 2000 by Karen Armstrong

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The Battle for God: fundamentalism in Judaism, Christianity and Islam

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Wladimir Araújo

Índice remissivo

Verba Editorial

Revisão

Marcelo Donizete de Brito Riqueti

Adriana Moretto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Armstrong, Karen

Em nome de Deus : o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo / Karen Armstrong ; tradução de Hildegard Feist. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

Título original : The Battle for God

ISBN 978-85-359-1581-5

1. Cristianismo 2. Fundamentalismo — História
3. Fundamentalismo islâmico — História 4. Fundamentalismo religioso 5. Judaísmo Ortodoxo — História I. Título.

09-11436

CDD-200.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Fundamentalismo religioso : Religião : História 200.9

2009

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORAS SCHWARZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

SUMÁRIO

Apresentação 9

PARTE 1: O VELHO E O NOVO MUNDO

1. Judeus: os precursores (1492-1700) 20
2. Muçulmanos: o espírito conservador (1492-1799) 57
3. Cristãos: admirável mundo novo (1492-1870) 94
4. Judeus e muçulmanos: modernização (1700-1870) 142

PARTE 2: O FUNDAMENTALISMO

5. Frentes de batalha (1870-1900) 190
6. Fundamentos (1900-25) 232
7. Contracultura (1925-60) 273
8. Mobilização (1960-74) 317
9. A ofensiva (1974-9) 374
10. Derrota? (1979-99) 424

Epílogo 485

Glossário 493

Notas 501

Bibliografia 537

Agradecimentos 559

Índice remissivo 561

Sobre a autora 583

Parte 1

O VELHO E O NOVO MUNDO

1. JUDEUS: OS PRECURSORES (1492-1700)

EM 1492 OCORRERAM na Espanha três acontecimentos muito importantes. Tais fatos, extraordinários na visão da época, hoje nos parecem característicos da nova sociedade que, no final do século xv e no decorrer dos dois séculos seguintes, surgiu, lenta e penosamente, na Europa ocidental. Como nossa cultura ocidental moderna se desenvolveu nesse período, o ano de 1492 também esclarece parte de nossas preocupações e de nossos dilemas. O primeiro fato ocorreu em 2 de janeiro, quando os exércitos de Fernando e Isabel, os Reis Católicos, cujo casamento acabara de unir os antigos reinos ibéricos de Aragão e Castela, conquistaram a cidade-Estado de Granada. A multidão viu com profunda emoção o estandarte cristão hasteado nos muros da cidade, e, quando a notícia se difundiu, os sinos repicaram triunfalmente em toda a Europa, pois Granada era o último baluarte islâmico no seio da cristandade. As cruzadas contra o Islã fracassaram, porém os muçulmanos foram expulsos da Europa. Em 1499 os muçulmanos que viviam na Espanha puderam escolher entre a conversão ao cristianismo e a deportação; depois disso a Europa ficaria livre deles por alguns séculos. O segundo acontecimento desse ano momentoso deu-se em 31 de março, quando Fernando e Isabel assinaram o Edito da Expulsão, que baniria os judeus da Espanha, aos quais também se apresentou a possibilidade de optar pelo batismo ou pelo desterro. Muitos deles eram tão apegados a “al-Andalus” (nome árabe do antigo reino islâmico) que se converteram à fé cristã e permaneceram na Espanha; entretanto cerca de 80 mil judeus partiram para Portugal e 50 mil fugiram para o novo Império Otomano, onde tiveram calorosa acolhida.¹ O terceiro fato refere-se a uma das figuras presentes à ocupação cristã de Granada. Em agosto

Cristóvão Colombo, protegido de Fernando e Isabel, zarpou da Espanha com o objetivo de encontrar uma nova rota comercial para a Índia e descobriu a América.

Esse acontecimento reflete a glória e a desolação dos primeiros tempos do período moderno. Como a viagem de Colombo demonstrou, os europeus estavam prestes a ingressar num mundo novo. Estavam ampliando seus horizontes e aventureando-se em territórios até então desconhecidos do ponto de vista geográfico, intelectual, social, econômico e político. Com suas conquistas dominariam o planeta. No entanto a modernidade tinha um lado mais sombrio. A Espanha cristã era um dos reinos mais poderosos e avançados da Europa. Fernando e Isabel estavam criando um dos Estados centralizados modernos que surgiam também em outras partes da cristandade. Tal reino não toleraria as velhas instituições autônomas, como a guilda, a corporação, a comunidade judaica, que caracterizaram o período medieval. A unificação da Espanha, concluída com a conquista de Granada, seguiu-se uma limpeza étnica que desalojou judeus e muçulmanos. A modernidade foi, para alguns, fortalecedora, libertadora, fascinante. Para outros significou — e continuaria significando — coerção, invasão, destruição. A situação se manteve com a difusão da modernidade ocidental a outros pontos do globo. O programa de modernização era progressista e acabaria por promover valores humanos, mas também era agressivo. No século XX algumas das pessoas que vivenciaram a modernidade basicamente como um ataque se tornariam fundamentalistas.

Mas isso ainda era um futuro muito distante. No final do século XV os europeus não poderiam prever a enormidade da mudança que haviam iniciado. No decorrer dos trezentos anos seguintes a Europa não só transformaria sua sociedade em termos políticos e econômicos, como realizaria uma revolução intelectual. O racionalismo científico se imporia e pouco a pouco eliminaria hábitos mais antigos de pensar e sentir. No capítulo 3 veremos mais detalhadamente esse período, denominado Grande Transformação Ocidental. Antes de examinarmos suas implicações, precisamos nos deter na visão de mundo dos pré-mo-

dernos. Nas universidades espanholas, estudantes e professores discutiam acaloradamente as novas ideias do Renascimento italiano. A viagem de Colombo teria sido impossível sem descobertas científicas como a bússola magnética ou as observações mais recentes da astronomia. Em 1492 o racionalismo científico ocidental estava alcançando notável eficiência. Explorava-se como nunca o potencial do que os gregos chamavam de *logos*, sempre em busca de novidades. Graças à ciência moderna, os europeus descobriram um mundo totalmente novo e estavam adquirindo um controle inaudito sobre o meio ambiente. Não haviam, contudo, descartado o *mythos*. Colombo entendia de ciência, mas ainda se sentia à vontade no velho universo mitológico. Parece que pertencia a uma família de judeus conversos e continuava interessado na Cabala, a tradição mística do judaísmo, porém era cristão fervoroso e queria conquistar o mundo para Cristo. Esperava estabelecer na Índia uma base cristã para a conquista militar de Jerusalém.² Os europeus tinham começado sua viagem rumo à modernidade, mas ainda não eram plenamente modernos em nossa acepção. Os mitos do cristianismo ainda davam um sentido a suas investigações racionais e científicas.

Não obstante o cristianismo estava mudando. Os espanhóis liderariam a Contrarreforma inaugurada pelo Concílio de Trento (1545-63), um movimento modernizador que adequaria o velho catolicismo à eficiência da nova Europa. A Igreja, assim como o Estado moderno, tornou-se mais centralizada. O concílio reforçou o poder do papa e dos bispos; pela primeira vez publicou-se um catecismo para todos os fiéis, a fim de assegurar a conformidade doutrinal. O clero deveria receber maior instrução para pregar com maior eficácia. Racionalizaram-se a liturgia e as práticas religiosas dos leigos, e aboliram-se rituais que, coerentes um século antes, não funcionavam na nova era. Muitos católicos espanhóis se inspiravam nos escritos de Erasmo de Roterdã (1466-1536), o humanista holandês que queria revitalizar o cristianismo retornando ao fundamental e tinha como lema a expressão “*ad fontes*”, “rumo às fontes”. Erasmo acreditava que a verdadeira fé cristã da Igreja primitiva fora soterrada pela

teologia medieval. Removendo esses acréscimos e voltando às fontes — a Bíblia e os textos dos Padres da Igreja —, os cristãos recuperariam a essência viva dos Evangelhos e renasceriam.

A principal contribuição dos espanhóis para a Contrarreforma foi mística. Os místicos ibéricos exploravam o mundo espiritual, mais ou menos como os grandes navegantes descobriam novas regiões do mundo físico. O misticismo pertencia ao domínio do *mythos*; atuava no âmbito do inconsciente, inacessível à faculdade racional e experimentável através de outras técnicas. Entretanto os reformadores místicos da Espanha queriam tornar essa forma de espiritualidade menos caótica e excêntrica, menos dependente dos caprichos de conselheiros inadequados. João da Cruz (1552-91) baniu as devoções mais dúbias e supersticiosas e tornou o processo místico mais sistemático. Os místicos da nova era decerto sabiam o que os esperava em sua passagem de um estágio a outro; tinham de aprender a lidar com as armadilhas e os perigos da vida interior e administrar de maneira produtiva suas energias espirituais.

Mais moderna, indício do que estava por vir, foi a Companhia de Jesus, que, fundada pelo ex-soldado Inácio de Loyola (1491-1555), encarnava a eficiência que viria a ser a marca registrada do Ocidente moderno. Inácio estava decidido a explorar o poder do *mythos* na prática. Seus jesuítas não perderiam tempo com as longas disciplinas contemplativas de João da Cruz. Seus *Exercícios espirituais* propunham um retiro sistemático de trinta dias que proporcionava a cada jesuíta um curso intensivo de misticismo. Assim que se convertesse plenamente a Cristo, o cristão devia ter suas prioridades definidas e estar pronto para entrar em ação. Essa ênfase em método, disciplina e organização assemelhava-se à da nova ciência. Deus era uma força dinâmica que impelia os jesuítas ao mundo inteiro, mais ou menos como fazia com os exploradores. Francisco Xavier (1506-52) evangelizou o Japão; Roberto di Nobili (1577-1656), a Índia; e Matteo Ricci (1552-1610), a China. A religião ainda não fora deixada de lado na Espanha moderna. Podia reformar-se e explorar os achados da modernidade incipiente para ampliar seu alcance e sua visão.

A Espanha estava, pois, na vanguarda da modernidade. Entretanto Fernando e Isabel tinham de conter toda essa energia. Empenhavam-se em consolidar a união de reinos até então independentes. Em 1483 instituíram a Inquisição espanhola para impor a conformidade ideológica em seus domínios. Estavam criando um Estado moderno absoluto, mas ainda não podiam permitir que seus súditos tivessem plena liberdade intelectual. Os inquisidores caçavam dissidentes e os obrigavam a abjurar sua “heresia”, palavra que em grego significa “escolha”. Os monarcas utilizavam a Inquisição espanhola — uma instituição modernizadora, e não uma tentativa arcaica de preservar um mundo do passado — para forjar a unidade nacional.³ Sabiam muito bem que a religião podia ser uma força explosiva e revolucionária. Em países como a Inglaterra seus colegas protestantes também foram implacáveis com os “dissidentes” católicos, tidos igualmente como inimigos do Estado. Veremos que esse tipo de coerção muitas vezes fazia parte do processo de modernização. Na Espanha as principais vítimas da Inquisição foram os judeus, cuja reação a essa modernidade agressiva examinaremos neste capítulo. Sua experiência ilustra muitas das reações à modernização em outros pontos do planeta.

A Reconquista dos antigos territórios muçulmanos de al-Andalus constituiu uma catástrofe para os judeus da Ibéria. No Estado islâmico as três religiões — judaísmo, cristianismo e islamismo — conviveram em relativa harmonia por mais de seiscentos anos. Os judeus em particular viveram na Espanha uma renascença cultural e espiritual e não sofreram os pogroms que atormentavam seu povo no restante da Europa.⁴ Contudo, à medida que avançava pela península, conquistando mais e mais territórios ao Islã, o exército dos Reis Católicos levava junto seu antisemitismo. Em 1378 e 1391 os cristãos atacaram as comunidades judaicas de Aragão e Castela, arrastaram seus moradores até a pia batismal e, ameaçando matá-los, obrigaram-nos a converter-se ao cristianismo. Em Aragão os sermões do dominicano Vincent Ferrer (1350-1419) frequentemente inspiravam desordens antisemitas; e o frade ainda organizava debates pú-

blicos entre rabinos e cristãos com o objetivo de desacreditar o judaísmo. Alguns judeus tentaram evitar a perseguição abraçando voluntariamente o cristianismo. Oficialmente denominados conversos, eram chamados pelos cristãos de marranos (“porcos”), designação ofensiva que alguns deles assumiram com orgulho. Os rabinos condenavam a conversão, mas a princípio os cristãos-novos conquistaram fortuna e sucesso. Alguns galgaram altas posições no clero; outros se casaram com membros de ótimas famílias; e muitos enriqueceram no comércio. Com isso criaram novos problemas, pois os cristãos-velhos se revoltavam com sua mobilidade ascendente. Entre 1449 e 1474 investiram muitas vezes contra os marranos, matando-os, destruindo suas propriedades ou expulsando-os da cidade.⁵

Tal situação alarmava Fernando e Isabel. Ao invés de manter seu reino unido, a conversão dos judeus estava provocando outras divisões. Também preocupavam os soberanos as notícias de que alguns cristãos-novos retornavam à antiga crença e a professavam secretamente. Dizia-se que compunham um movimento clandestino empenhado em reconduzir outros conversos ao rebanho judaico. Os inquisidores receberam ordens de prender esses judeus, que, acreditava-se, seriam identificados por abster-se de comer carne de porco ou de trabalhar aos sábados. Os suspeitos sofriam torturas até confessar sua infidelidade e denunciar outros “judaizantes” clandestinos. Assim a Inquisição matou cerca de 13 mil conversos nos doze primeiros anos de sua existência. Na verdade muitos dos que foram mortos ou presos ou tiveram suas propriedades confiscadas eram católicos fervorosos, sem nenhuma tendência judaizante. Diante disso muitos conversos se tornaram cínicos e cépticos em relação a sua nova fé.⁶

Quando conquistaram Granada, em 1492, Fernando e Isabel herdaram a enorme população judaica da cidade. Considerando a situação incontrolável, assinaram o Edito da Expulsão para resolver de uma vez por todas o problema dos judeus na Espanha. Cerca de 70 mil se converteram ao cristianismo e permaneceram no país para padecer nas mãos da Inquisição; os outros 130 mil, como vimos, partiram para o exílio. Os judeus do mundo inteiro